

ANAIS DO
V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo PROF. EURÍPEDES SIMÕES DE PAULA

**PORTOS, ROTAS E
COMÉRCIO**

VOLUME I

XXXV
Coleção da *Revista de História*
sob a direção do Professor
E. Simões de Paula.



São Paulo — Brasil
1971

INFLUÊNCIA CIVILIZADORA DO SÃO FRANCISCO NO CARIRÍ CEARENSE (*).

JOSÉ ALVES DE FIGUEIREDO FILHO

Presidente do Instituto Cultural do Cariri e Professor de História do Cariri, na Faculdade de Filosofia do Crato.

O Cariri cearense é filho da expansão povoadora, vinda pelo rio São Francisco e seus afluentes, entre os séculos XVII e XVIII. Foram brasileiros, brancos e mestiços da Bahia, Sergipe e Pernambuco, os primeiros portadores da civilização a penetrarem nesta sub-região, atraídos pelo sortilégio de novas pastagens para o gado. Estávamos no período do ciclo do couro, de que nos fala o historiador Capistrano de Abreu, em relação ao Norte do país, ou Sarmiento, no caso do Uruguai, Argentina e Rio Grande do Sul.

Os afluentes do rio civilizador do Nordeste não têm curso perene, no lado pernambucano. Enchem nas épocas invernosas, ou ficam esturricados, quando cessam as chuvas. Deixam, no entanto, caminho aberto, no meio da caatinga, a penetrar em longos trechos do sertão. Serviam de roteiro ou de via natural para o sertanista embrenhar-se de mato a dentro. Foram aquelas veredas líquidas, ou secas, que conduziram os colonizadores das entradas baianas em direção do Cariri. Chegavam em poucas levadas, ou quase isoladamente.

Várias foram as rotas de penetração para o vale caririense, depois melhoradas pelo homem. Padre Antônio Gomes de Araújo, infatigável devassador da história na zona sul cearense, enumera as seguintes: *Jaguaribe-Cariri*; *Vila Bela-Cariri*; *Cabrobó-Cariri*; *Cabrobó-Exu*; *Exu-Cariri*.

O Cariri, povoado anteriormente por ameríngos de igual nome, atingido pelo sertanista chegado pelo sul, foi devassado, com

(*) . — Comunicação apresentada na 5ª sessão de estudos, Equipe B, no dia 5 de setembro de 1969 (*Nota da Redação*).

cêrca de duzentos anos de atraso do descobrimento do Brasil, e cem do povoamento da faixa litorânea do Ceará.

O silvícola, encontrado na terra pelo colonizador, também chegara, entre os séculos IX ou X, depois de Cristo, pelas mesmas estradas apontadas pelos afluentes do São Francisco, conforme a opinião abalizada de um dos mais argutos pesquisadores da pré-história cearense — Tomás Pompeu Sobrinho. Vejamos trecho do que diz, em livro publicado pela *Coleção História do Ceará*:

“Quanto ao tempo da chegada das primeiras levas (aborígenes) sòmente conjecturas se permitem. Os cariris foram dos primeiros imigrantes proto-malaios que abicaram às costas americanas do Pacífico, nos istmos ou na Colômbia. Teriam bem cedo deixado a área de caracterização tipológica. Isso ocorreu, provávelmente quando ainda nêle chegavam novas levas que vinham a galgar os Andes. Admitindo que essas primeiras levas na quarta corrente de povoadores alcançaram as costas, de onde se internaram, no continente, no curso de NW amazônico, aí pelos últimos séculos dêste milênio. O estacionamento na área de formação dos brasilidos (provindos dos pré-brasilidos) não teria sido inferior a um milênio. Tudo isso nos leva a conjecturar que êste povo chegara à margem do São Francisco, há cêrca de 1,5 milênio, portanto ainda no primeiro quartel da era cristã. Poucos séculos depois estariam alguns grupos de cariris estabelecidos no Sul do Ceará, isto é, aí pelo IX ou X séculos de nossa era”.

Foram aquêles silvícolas que os colonizadores, também vindos das bandas do São Francisco, encontraram como donos dessas terras dadivosas, parecendo mais outra Canaã dos tempos bíblicos. Verdadeira ilha de vegetação exuberante, perenemente verde, no meio da caatinga bravia. Aliás, era velho costume do indígena cariri, das oito grandes nações classificadas por Capistrano de Abreu, apossar-se dos trechos mais férteis do Nordeste.

Não houve choques profundos, imediatos, com a chegada do conquistador, portador da civilização do branco. E' que veio a interferência bemfazeja do capuchinho, notadamente do fundador da Missão do Miranda, que deu origem a Crato, Frei Carlos Maria de Ferrara. Conseguiu terras cultiváveis e fixou o indígena. O cariri não tomou parte na chamada guerra dos bárbaros, espécie de confederação bélica dos índios cariris, que quase impedia o esforço colonizador do lusitano, no interior cearense e adjacências.

O povoador, ao atravessar sertões inóspitos, deparou-se com terras de rica vegetação, córregos abundantes e várias zonas embridadas, convidando-o a trocar o laço e a aguilhada pelo machado e pela enxada. Foi o que fêz logo, sem esquecer o gado vacum, indispensável à vida agrícola. Os aborígenes já sabiam cultivam mi-

lho, algodão e mandioca. Quem vinha do recôncavo baiano, ou da mata da Pernambuco, sentia que pisava em terreno de massapê, por demais propício à cultura canavieira.

A gramínia, de pouco a pouco, tomou conta dos brejos e dos pés-de-serras do Araripe. Os engenhos de rapadura e aguardente multiplicaram-se. O boi, o cavalo e mais tarde o muar, foram atrelados visceralmente à vida cotidiana do engenho de cana. O boi manso tornou-se o motor da engrenagem de retirar o suco daqueles riquíssimos colmos.

O senhor de engenho passou a ser também fazendeiro no sertão de Pernambuco, Piauí, ou mesmo no Ceará. Muitas vezes, instalava logradouro, lugar de retirada de gado, na serra do Araripe, que divide o Cariri da terra pernambucana. O senhor de engenho cariense, como ainda hoje acontece, completava seu trabalho de cultura de cana e de moagem, empregando três tipos de propriedades: o sítio de plantio com água de rega, a fazenda de criar o gado e o logradouro para a engorda dos animais e para as vacas leiteiras, em determinados meses.

Os tempos mudaram. O gado crioulo foi perdendo em peso e em produção leiteira. A rapadura desprestigiou-se em face da concorrência do açúcar branco, produzido em usinas de Pernambuco, como também pelo esgotamento sempre crescente dos terrenos.

Delmiro Gouvea, sertanejo de idéias avançadas para a época, aproveitando minúscula parte da energia da Cachoeira de Paulo Afonso, criou em pleno sertão, indústria de linhas e de tecidos. Introduziu igualmente tipo de gado mais forte e adaptável ao clima. Foi exemplo pioneiro. Começou a aparecer, aqui e ali, o boi de cupim, possante para o engenho e em nada estranho à zona seca do Nordeste.

Quem teria introduzido no Cariri cearense os primeiros representantes daquelas rezes, procedentes da lendária e quase antípoda Índia?

Justiniano de Serpa, vulto de destaque nas letras e nas ciências jurídicas, assumiu a presidência do Ceará, a 12 de julho de 1920, após renhido pleito. Reformou a constituição, a instrução pública, incentivou o mundo intelectual cearense. Seu plano de ação atingiu a própria estrutura agropecuária, quando, nesse setor, o Estado vivia estagnado, herança ainda da colonização. Para melhorar o gado vacum, encarregou seu genro — Lanes Bernardes — de comprar reprodutores zebús, no Triângulo Mineiro, para revenda, sem lucros, no Ceará. No meio dessa fecunda administração, faleceu Justiniano de Serpa, antes de cumprir o mandato, a primeiro de agosto de 1923.

Parte daquele gado foi vendido em Crato, sendo que meu pai — José Alves de Figueiredo, misto de agricultor e farmacêutico, recebeu de presente, bonito novilhote, por parte do senhor de engenho e lavrador evoluído — Nelson da Franca Alencar, figura respeitável de antigo dono de sítio caririense e de fazenda de criar, no estado do Piauí. Não é preciso acrescentar que aquelas rezes diferentes do *pé-duro*, cria de casa, despertou a curiosidade geral. Foi a primeira vez que vi um zebú. Dessa leva, restam descendentes, na fazenda *Condado*, propriedade piauiense do antigo Nelson da Franca Alencar, hoje em mãos do ex-deputado pelo Ceará — Dr. Antônio de Alencar Araripe.

Convém registrar que houve touro de sangue zebú, no Cariri, que teve até fama de *santidade*, na credence dos fanáticos do Pe. Cícero Romão Batista, de Juazeiro do Norte. Chamava-se *Mansinho* e foi presenteado àquêlê sacerdote por um de seus admiradores. O beato José Lourenço, sertanejo místico, da roda fanática do *Padrim Cirço*, ficou encarregado de tratá-lo, em propriedade rural na Baixa Danta. Tornou-se bicho regalado, comendo do bom e do melhor, amarrado de fitas coloridas, passando a fazer *milagres*, filhos do misticismo deturpado de quem vive na ignorância e no subdesenvolvimento. As promessas ao boi *Mansinho* centuplicaram-se, pela sugestão coletiva.

Num belo dia a notícia chegou à Câmara Federal, no Rio de Janeiro, onde o lugar-tenente do Padre Cícero — Dr. Floro Bartolomeu da Costa representava o Ceará. Os ataques contra aquela demonstração de primitivismo da vida juazeirense foram diretos ao Dr. Floro. Êste, o mais que depressa, voltou à cidade que o elegeu. De uma feita só, a ferro e a fogo, extirpou muita coisa anômola que se passava por lá. O boi Apis, ressuscitado, em plagas caririenses, ou por outra, aquela renovação totêmica, com raízes aprofundadas, em nossos avoengos das selvas africanas, não podia perdurar. O deputado juazeirense mandou sacrificá-lo, com afiada peixeira, em holocausto ao onipotente deus-progresso. Foi uma vez a vida de abastança de *Mansinho*. Sua excelente carne foi distribuída a populares, a soldados de polícia e até o beato José Lourenço, o sacerdote-máximo, teve de comer-lhe bom pedaço, com farinha de mandioca e naco de rapadura.

A entrada regular de zebús no Cariri, provindos de Jacobina e de Mundo Nôvo, na Bahia, foi que contribuiu, decisivamente, para a melhoria da pecuária regional. Seu introdutor, em caráter comercial, ainda no primeiro quartel do presente século, foi o sertanejo

da zona cearense de Ibiapaba — Diogo Farias. Comprava gado mestiço de zebú, naquelas paragens baianas e o revendia ao Cariri e vizinhanças.

Era aquê boiadeiro dos mais autênticos produtos da mestiçagem nordestina, entre o branco e o caboclo. Alto, moreno, quase côr de canela, delgado, mas de compleição robusta, vivo. Usou cavanhaque por muito tempo. Não se cansava, de forma alguma, com a aspereza da luta cotidiana no meio da caatinga braba. Conheci-o em seu mister, em 1921, quando eu, de regresso à minha terra, procedente de Petrolina, montado em muar e acompanhado de arriero, parei em frente à alpendrada casa sertaneja. Encontrei-o ali. Confessou-me estar com febre e não dispor de qualquer medicamento. Dei-lhe alguns comprimidos de *Bromoquinina* e toquei para frente, com mêdo de arrancar-me ao abrigo do alpendre e ficar em contacto com qualquer infecção perigosa, no meio daqueles êrmos. Mais tarde, o revi, instalado em Crato, com seu comércio de zebús, ininterrupto, entre a Bahia e o Cariri.

O fornecimento de gado baiano para a renovação dos plantéis sul-cearenses continuou e tornou-se mais avultado. Mário Alves de Oliveira, com propriedade em Mundo Nôvo, nas vizinhanças de Minas Gerais, mantinha criação de zebús e outras raças, incluindo até búfalos. Com os irmãos Medeiros, naturais de Flôres, em Pernambuco, constituiu sociedade para intensa venda de zebús, na zona caririense e imediações. Eram êles, Ozael, Saturnino e Joaquim. As manadas que conduziram pelo mesmo caminho das antigas entradas baianas, povoadoras do sul do Ceará, transformaram, quase totalmente, a pecuária da zona. Sua missão terminou. Agora os plantéis de gado são melhorados e selecionados pela Exposição Centro Nordeste de Animais e Produtos Derivados, realizada anualmente, em Crato, com repercussão até no Triângulo Mineiro.

Ozael Medeiros prestou-me valiosas informações dêsse penoso transporte de rezes de Mundo Nôvo e Jacobina, ao Cariri e outros pontos interessados na melhoria da raça bovina. A princípio, conduziam novilhas mestiças que vendiam prontamente nos mercados, mas os criadores começaram a exigir reprodutores mais puros. Suas boiadas alcançavam média de 500 cabeças, constituídas de *Nelore*, *Gir*, *Indubrasil*, *Guzerá*. A marcha, naquela época, através do sertão, não era tão fácil quanto agora, com o possante caminhão a conduzir tudo. A caminhada se fazia de pé, em ritmo tardo dos passos bovinos. Durava de 30 a 40 dias, entre o local de partida a Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha ou Missão Velha. A boiada, com o vaqueiro-guia à frente, em seu cavalo bem amestrado, atravessava o

sertão baiano, com o auxílio de oito a dez homens encourados, em contínua vigilância aos lados e detrás, a fim de manterem a disciplina, quase militar naquela prolongada marcha.

À beira do São Francisco havia pausa indispensável. Nova arregimentação dos bichos pela vaqueirama para a travessia do rio. Eram necessários muita ordem e olhar arguto dos guias, a fim de colocar o gado nas respectivas barcaças. No transcurso, aí de qualquer descuido! Nas descidas a operação se tornava bem penosa para evitar o espanto das rezes, a não contaminar tôda a imensa boiada. A barca era como se fôsse curral flutuante, arrodada de cêrca, igual aos caminhões transportadores de gado, nos dias de hoje.

O zebú, com aparência de arrelento, não é tão indisciplinado quanto o boi *pé-duro*. E' brincalhão e afeiçoa-se ao homem.

Aquela caminhada, de centenas de quilômetros, efetuava-se comumente no início do inverno, para assim não faltar água nos poços, riachos ou açudes e pasto fresco para as rezes, naquele percurso em terras ásperas. O vaqueiro, em seus alforques, conduzia o farnel indispensável às grandes jornadas. Quando todos se aboletavam no *arrancho*, os bois a pastarem quietos, assavam a carne no espêto de pau, com farinha e cebola, faziam a farofa de comboeiro e comiam. Não deixavam de usar, à guisa de sobremesa, bom naco de *rapadura fixe*, azulada dos engeñhos caririenses, ou de Januária, de Minas. Bebiam água de borracha, confeccionada com couro e tão fria como se fôsse de geladeira. Muitas vêzes, naquele repasto não faltava o gole sedutor da pinga, para alegrar a conversação.

Abandonavam a zona sertaneja, subiam a serra do Araripe, atravessavam o *plateau*, caminho reto, cercado de vegetação exuberante, às vêzes até em plena mata. Desciam, divisando o imenso Vale Caririense, pontilhado de cidades, engastadas em plena verdura. Se aquê-le mercado não consumisse tôdas as rezes, com o rebanho reduzido, rumavam para as zonas criadoras dos Inhamuns, Jaguaribe, ou mesmo Crateús, Sobral e a própria capital — Fortaleza.

Desde a Bahia pousavam em fazendas, ou no descampado, mas passavam em povoados, vilas e cidades: Santa Cruz, Ouricuri, Bodocó, Araripina ou Exú. A descida da serra poderia ser pelas ladeiras das Guaribas, Belmonte ou Santa Rita, quando razões especiais não lhe aconselhassem a velha estrada de Porteiras, hoje Jatí.

Aquela viagem pelas estradas afora, da terra baiana ao Ceará, aparentemente monótona, oferecia vários atrativos aos boiadeiros. A natureza no sertão, em tempo de chuvas rejuvenesce, como por encantamento. A alegria dos pássaros se torna contagiante. Há caças em proporções avultadas, tudo dependendo da boa pontaria do homem. Os imprevistos são comuns na vida do vaqueiro. Fazem

parte de seu hábito cotidiano. A fuga de uma rez não lhe é desconhecida e tem a paciência de arrancá-la dos esconderijos. Os atoleiros se sucedem e não falta aos guias a perícia de desatolá-la, sem perda de muito tempo. Não escasseiam os acidentes e o envenenamento de um boi por planta daninha. A peçonha da cobra, escondida em moitas, não é difícil a inocular-se em bicho que a assusta. O vaqueiro é *meisinho*, conhece os segredos terapêuticos das raízes, entrecascas e fôlhas. É rezador, podendo curar uma bicheira até pelo rastro. Quando uma rez morre, por um motivo qualquer, vem a lamentação plangente dos irmãos de raça. Daquele canto dolorido foi que nasceu o abôio, agora adicionado de versos, a encher as estradas de nostalgia, na marcha lenta dos bois. Têm também o efeito mágico de acalmar as rezes que possuem senso de compreensão musical igualzinho aos homens que as conduzem.

O vaqueiro está prestes a desaparecer do cenário nordestino. As grandes marchas de bovinos, com aquêles cavaleiros, encourados a aboiar está se confinando bastante. O transporte da boiada se fez presentemente em possantes caminhões engradados, sem abôio, sem mangas, ou pousos em campos abertos.

Ozael Medeiros acabou por deixar o comércio que o prendeu por vários anos. Só existe agora no ramo, mas com nôvo método de transporte, o fazendeiro Mário Alves, a comparecer em tôdas as exposições de animais, com raça cada vez mais pura.

Ozael estabeleceu-se em Crato com ramo de negócios, fixo. Casou-se com a cratense, Dona Marieta Gomes de Matos Medeiros. Educa os filhos, alguns em Recife. Não esquece êle, porém, aquêles dias e meses, quando atravessava estradas e mais estradas, na pisada tarda da boiada, revia o velho rio de São Francisco, subia e descia serras, com o aboiar plangente dos vaqueiros, ou ficava em contacto com horizontes novos. A alma da gente esquece sempre as canseiras, para viver de saudades das coisas boas. Cumpriu bem a sua missão. Renovou o rebanho bovino da terra que o acolheu tão carinhosamente e que preferiu para bêrço de seus filhos.

Hoje em dia não há mais necessidade daquele comércio. As transações são realizadas no recinto das exposições, com empréstimos bancários a longo prazo. O zebú vem diretamente do Triângulo, com agrônomos especializados de Uberaba. O holandês já é outro concorrente, adaptado por criadores sertanejos de Alagoas, ao clima nordestino, pelo milagre da *palma santa*. Crato é das três cidades nordestinas a possuir exposição de caráter regional, oficializada.

Todo o gado, de sangue zebú que nos veio da Bahia é originário do Triângulo e mais remotamente da União Indiana.

Lima Barreto, o talentoso mulato, que deixou obra imorredoura ao criticar, com sarcasmo, a recepção aos antepassados do zebú, em Uberaba, não adizinhos a avultada importância daquela raça na economia e no progresso do Triângulo Mineiro. Foi isso em *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, escrito no ano de 1908. Relata as festas com que aquela cidade acolheu os primeiros reprodutores do gado de cupim, procedentes da Índia. Agora é ela a rainha incontestável do *reino do zebú*. Os uberabenses não espocaram em vão os seus foguetes, nem a sua charanga tocou dobrados em homenagem a qualquer político que já passou, sem qualquer rastro. Uberaba teve visão exata do futuro, em recepcionar tão condignamente o zebú. Veio na qualidade de salvador econômico da zona. Ficou e assenhoreou-se da terra, estendendo-se depois pelo Brasil todo. Uberaba engrandeceu-se. Agora é das urbes que mais progredem em todo o país. Mas, vejamos o trecho do livro de Lima Barreto:

- “— Eu não quero adiar o prazer que te prometi.
— Qual?
— A leitura destas lindas crônicas da “*Gazeta de Uberaba*”.
— Vamos ver.
— Trata-se da chegada a Uberaba de alguns poetas?
— Não.
— De naturalistas?
— Não. Trata-se da chegada de reprodutores zebús. O jornal ocupa-se com o fato em três colunas e começa assim: “Ainda uma vez Uberaba teve o ensejo de constatar o quanto pode a iniciativa de seus filhos, etc., etc..
Continuou a ler e em outro ponto, disse-me:
— Guarda esta frase: batedores de uma nova cruzada, etc..
Emendou a leitura e, em dado momento, chamou-me a atenção.
— Olha este pedaço: “embora o adiantado da hora, grande massa de povo, calculada em cerca de quinhentas pessoas, etc.. “Que multidão! Hem?
Reentou a leitura e não tardou em interrompê-la para sublinhar certo trecho:
Nota que houve música (então quando chegaram os touros e as vacas) a banda *Santa Cecília* rompeu brilhante dobrado e nutridas aclamações se fizeram ouvir. Vivam as vacas! — acrescentou Gonzaga.
Seguiu por diante a sua leitura e, em certo ponto, disse-me:
— Observa este pedacinho “vieram alguns indivíduos *Nelore*... destacando-se um pelo belo porte e beleza”.
— Imagina tu quantas vacas amorosas não o esperavam em Uberaba”.

Não adivinhava o escritor que nem poetas e nem naturalistas poderiam ter influenciado tanto nos destinos de Uberaba do que aquelas rezes que, com razão, e perfeita previsão do futuro, foram estrepitosamente aclamadas na acanhada cidadezinha de outrora, hoje ca-

pital natural do Triângulo Mineiro. Em certos pontos já roubou até o cetro do império do zebú da própria União Indiana, que lhe mandou os primeiros reprodutores.

Aquela festa repercutiu em todo o Brasil. O gado novato, tão adaptável ao sertão, irradiou-se em todos os quadrantes. Pelos antigos caminhos das entradas baianas, chegou ao sul do Ceará e ficou.

O São Francisco foi o rio da civilização e da unidade nacional. Antes conduziu indígenas para o Cariri, depois povoadores da Bahia e de Sergipe, mais tarde, o gado zebú e o holandês. Ultimamente tivemos outra valiosa dádiva — a energia brotada da Cachoeira de Paulo Afonso. Sua missão é eminentemente redentora, não só para a minha zona, como para importante trecho dêste nosso Brasil.

* *
*

INTERVENÇÕES.

Da Profa. *Cecília Maria Westphalen* (FFCL da Universidade Federal do Paraná).

Diz que solicita apenas um esclarecimento: quando foi introduzido o gado holandês?

Quer dizer ainda que vê com a maior satisfação a participação do representante do Ceará, falando sobre a influência civilizadora do rio São Francisco.

O estudo das rotas fluviais no Brasil é de suma importância e está praticamente todo por ser realizado. Neste Simpósio sobre rotas, portos e comércio, não poderia, de fato, faltar um trabalho sobre as rotas fluviais. A lacuna foi, assim, preenchida pelo representante que de mais longo aqui compareceu.

*

Da Profa. *Lucinda Coutinho Coelho* (da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Guanabara).

Afirma que na exposição feita verifica-se a referência à introdução do gado zebú na região do Cariri cearense, feita através da bacia do rio São Francisco. Pergunta, pois:

1). — Se torna necessária a referência a outros tipos de gado que porventura tenha sido levado para a região? Esta pergunta está implicitamente ligada à que foi feita pela Profa. *Cecília Maria Westphalen* sobre a “introdução do gado holandês”. A pergunta engloba

também a questão de se saber se êste gado zebú conservou-se “puro” ou se aparecem hoje sòmente tipos mestiçados — e até que ponto constituiu ou constitui ainda, o gado, a economia de base da região.

2). — Até onde a corrente civilizadora da bacia franciscana tem ligação com a corrente civilizadora vinda pelo mar, ainda no século XVII?

*
* *
*

RESPOSTAS DO PROFESSOR JOSE' ALVES FIGUEIREDO FILHO.

À Profa. *Cecília Maria Westphalen*.

Respondendo, diz que o gado holandês começou a aparecer em Alagoas nas margens do São Francisco, pelo menos para fins comerciais, há mais ou menos 20 anos. A princípio, nas exposições pecuárias de Crato, o gado leiteiro holandês procedia dos estábulos de Fortaleza, que possuía bons criadores daquela espécie bovina. Mas êsse gado estava sujeito a várias doenças e por isso não resistiu à concorrência do tipo procedente de Alagoas que se tornara resistente ao clima pelo uso e abuso da palma santa, cactáceo nativo ou do bourbank de origem norte-americana (sem espinhos).

Agradeceu, em seguida, as referências feitas à sua pessoa.

*

À Profa. *Lucinda Coutinho de Melo Coelho*.

Afirmou que a espécie bovina zebú estava há bastante tempo no Cariri, onde os boiadeiros expunham no mercado. A parte não vendida, dirigia-se aos mercados do norte do Ceará e da Paraíba.

O povoamento da Capitania do Ceará se fêz no norte pelo litoral, primeiramente pelo açoriano Pero Coelho que fracassou em sua missão devido à inclemência do clima. O colonizador e o catequista procuravam as costas cearenses como um trampolim para o Maranhão, potencialmente mais rico e infestado por flibusteiros franceses. Martins Soares Moreno, com índios potiguares do Rio Grande do Norte, foi o fundador do Ceará.

O povoamento procedeu-se no Cariri, ou sul do Ceará, por elementos oriundos da Bahia, Sergipe e Pernambuco, pelo caminho do rio São Francisco e seus afluentes.